

REPRESENTAÇÕES INTELLECTUAIS DE OTTO MARIA CARPEAUX NA FORMAÇÃO DAS RESISTÊNCIAS CULTURAIS E NA REORGANIZAÇÃO DO CAMPO INTELLECTUAL NO PÓS-GOLPE DE 1964

Thiago Castro*

Introdução

Após o Golpe civil-militar de 1º de abril de 1964, instituições envolvidas com política e produção cultural sofreram intervenções que foram decisivas para sua desarticulação. Neste cenário, intelectuais que pertenciam a estas instituições ou que gravitavam ao seu redor, foram dispersos, perdendo espaços de representação. Um campo intelectual formado até aquela data passou por uma reconstrução a partir do crescimento de uma estrutura de mercado que se desenvolvia rapidamente. A participação de alguns intelectuais nessa formação de um campo intelectual pós-Golpe não é bem conhecida, dificultando a compreensão de como esse processo realmente se deu. Otto Maria Carpeaux é um desses intelectuais que se posicionou contra o regime por meio da legitimação e visibilidade constituída por meio de jornais e revistas que formavam um mercado cultural receptivo aos conteúdos de esquerda. Analisar os itinerários intelectuais de Carpeaux na sua transição da grande imprensa para a imprensa alternativa e as memórias consolidadas sobre sua atuação nas resistências nos permite determinar a posição social assumida pelo autor, assim como suas contribuições para as resistências culturais, ao pensamento social e ao campo intelectual no Brasil pós-Golpe.

As contribuições de Carpeaux nesses periódicos nunca foram analisadas de uma perspectiva acadêmica. Inclusive os artigos que ele publicou no semanário *Folha da Semana* (1965-1966), que serão trabalhados neste artigo, permanecem inéditos para uma parcela significativa da comunidade acadêmica, da crítica literária, do jornalismo ou de quem se interesse em compreender a atuação e o fenômeno da intelectualidade de esquerda nos anos 1960 e fazer o mapeamento dos periódicos e debates.

O semanário alternativo *Folha da Semana* é uma das expressões de um cenário de rearticulação dos intelectuais em função da resistência cultural. Neste jornal o debate sobre as esquerdas era perpassado pelo temário das resistências culturais em voga desde o advento do Golpe de 1964. Em suas páginas foram noticiados e debatidos aspectos diversos que compuseram as resistências culturais sob a perspectiva de intelectuais engajados na defesa da

* Doutorando em Sociologia pelo IFCH-Unicamp e bolsista DR/BEPE FAPESP. Mestre em Ciências Sociais pelo PPGCS-Unesp Marília. thiagobc.castro@gmail.com

democracia. Temas como: movimento estudantil, imprensa, censura, teatro, literatura, música, cinema, intelectuais, política interna e externa e política econômica interna, eram abordados por intelectuais de esquerda e por liberais opositores ao regime ditatorial. A *Folha da Semana*¹ se tornava um dos polos de aglutinação e acolhimento dos intelectuais dispersos pelo Golpe de 1º de abril e sua onda de repressão.

Ao abordar todos esses temas em seus artigos, Carpeaux estava oferecendo contribuições importantes para o debate sobre a condição do intelectual nos anos 1960, quando uma série de fatores, como as primeiras perseguições, Lei de Imprensa, atos institucionais etc., limitaram sua atuação. Na imprensa, portanto, Carpeaux promoveu representações intelectuais orientadas pelo contexto de reorganização do campo intelectual e de recrudescimento do regime militar ditatorial instaurado em 1964.

Do ponto de vista da organização, os intelectuais envolvidos em projetos editoriais, como o da *Folha da Semana*, estiveram sempre empenhados em debater os pressupostos de sua articulação no plano da cultura. Sua legitimação dava-se proporcionalmente na afirmação da importância da figura do intelectual no espaço público, em especial, nos meios de comunicação, como um epicentro pelo qual passava em debate os projetos para transformação da sociedade brasileira.

Com o objetivo de mapear uma parte dos debates propostos por Otto Maria Carpeaux no hebdomadário *Folha da Semana*, neste artigo serão apresentadas algumas das representações intelectuais que geraram categorias de análise da realidade social, política e cultural do Brasil nos primeiros anos da ditadura militar.

A que servem os intelectuais?? Diálogos de carpeaux na imprensa alternativa de esquerda

A compreensão de como Carpeaux representava as noções de democracia, revolução, esquerdas, liberalismo, Estado, ditadura, intelectual e estudante/juventude se faz importante, pois nos ajuda a entender com que capitais ele se inseriu nos campos intelectual e cultural após o Golpe de 1964.

Em cada um desses campos havia um conjunto de temas preeminentes, uma linguagem específica ensaiada entre os militantes, e o seu ideário com conceitos e categorias compartilhados a respeito de democracia, revolução, engajamento, Estado etc. Afinal, nesses

¹ Sobre o jornal semanal alternativo *Folha da Semana*, consultar: CASTRO, Thiago Bicudo. Arthur Poerner entre Estudantes e Intelectuais: Representações Intelectuais no Jornal *Folha da Semana* e no Livro *O Poder Jovem (1965-1968)*. Marília, Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, 2016.

conceitos Carpeaux expressa valores compartilhados mais do que uma teoria ou um método, como fizera entre as décadas de 1940 e 1950, no que se referia ao seu ofício de crítico literário. E, além disso, permite uma compreensão política mais ampla sobre as atividades jornalísticas de Carpeaux nos anos 1960, que o faz também ter representações culturais. Ou seja, a sua ideia de resistência, por exemplo, que se dá tanto na cultura como no plano da luta armada, recebeu influência dos valores políticos compartilhados entre as resistências culturais do período, cujas bases estavam nos grupos de esquerda.

Os artigos que Carpeaux escreveu sobre a temática dos intelectuais foi uma forma de intervenção no campo intelectual que passava pelo processo de reorganização após o Golpe de 1964. Essa intervenção que se realizava no campo intelectual, não apenas por Carpeaux, como pelos seus amigos e colegas de imprensa, pressupunha posições específicas de cada intelectual. Como assevera Bourdieu: “Cada posição no campo é definida objetivamente por sua relação com outras posições” (1996, p. 261) , e cada posição possui um interesse específico.

Surge, assim, uma questão de fundo para trilharmos um caminho de compreensão da estrutura do *campo* intelectual, especificamente entre 1964 e 1968. Por que o intelectual público, como Carpeaux, expõe as leis específicas do campo e os valores do objeto em disputa para quem não pertence ao campo intelectual? – neste caso se trata dos leitores do jornal.

Partimos de uma primeira hipótese que explica essa questão a partir do plano das possibilidades concretas. A imprensa alternativa era o espaço possível para se travar um debate sobre a rearticulação dos intelectuais no plano da cultura após o Golpe. Se essa hipótese se confirma, então determinados conteúdos produzidos e publicados pelos intelectuais na imprensa alternativa nem sempre eram destinados a todos os leitores, mas apenas para os seus pares, intelectuais que leriam o jornal e escreveriam neste mesmo veículo ou em outro da imprensa alternativa, criando uma rede de comunicação.

O foco no *campo intelectual* como um dos espaços de produção e resistência culturais se deve às possibilidades que as formulações de Bourdieu trazem à compreensão dos discursos dos intelectuais, suas formulações, escolhas e recusas. O *campo*, segundo Bourdieu, pressupõe confronto, tensão, poder, já que todo campo “é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (2004, p 22-23). Os campos são compostos por indivíduos ou instituições, que criam os espaços e os fazem existir pelas relações que estabelecem entre si. Um dos princípios dos campos, à medida que circunscreve o que os agentes podem ou não fazer, é a “estrutura das relações objetivas entre os diferentes

agentes” (2004, p. 23). Assim, o lugar que os agentes ocupam nessa estrutura é essencial para compreender suas tomadas de posição.

Para a compreensão da posição social de Carpeaux no campo intelectual, pela perspectiva de Bourdieu é necessário analisar posições objetivas assumidas por seus representantes no interior deste campo e pelo próprio campo, uma vez que, subentende-se que o campo em questão seja relativamente autônomo e que seus agentes tenham capitais culturais compatíveis com o que nele se impõe. Assim, identificar esses capitais presentes em cada agente é parte do caminho a ser percorrido. É neste sentido que se demonstra a importância de se decifrar os conceitos e categorias que Carpeaux se utiliza para ingressar nos debates propostos pelos agentes da resistência cultural entre 1964 e 1968.

Havia entre os intelectuais de oposição ao regime militar, e Carpeaux tem certo destaque nesse ponto, uma tendência ao antiamericanismo. Tratava-se em alguns casos de crítica a cultura de massa, e em outros de crítica à política internacional e ao intervencionismo dos EUA sobre a América Latina. Destaca-se que no caso de Carpeaux essas críticas não tinham um viés anticapitalista ou até mesmo ao modelo democrático norte-americano.

No artigo intitulado *Os Moderados*² publicado na *Folha da Semana* existem várias menções ao antiamericanismo presente nos grupos de oposição. Carpeaux procura nuançar essas expressões de antiamericanismo no decorrer do texto. O interessante de se observar é que Carpeaux se coloca no âmbito das resistências ou das oposições, como um “antiamericanista” – nem moderado nem imoderado. “O anti-americanismo dos moderados não é sistemático. É mesmo moderado. E [...] afirmam que *nós outros* estaríamos, quanto aos Estado Unidos, equivocados.” (CARPEAUX, 1965, p. 11) Os moderados aos quais Carpeaux se refere são intelectuais que tiveram uma postura “imoderada” em momentos anteriores, provavelmente antes do Golpe de 1964, já demonstrando sua inclinação favorável ao governo Goulart e seu caráter democrático: “Eram, naquele tempo, radicalíssimos, quando o radicalismo se praticava sem perigo” (CARPEAUX, 1965, p. 11).

Os intelectuais norte-americanos e os representantes da cultura não tinham, na visão de Carpeaux, força política para impedir quaisquer ações dos grupos de maior poder no país – políticos profissionais, funcionários do alto escalão estatal, generais, grandes empresas e sindicatos infensos às lutas de classes. Portanto, entende-se que os intelectuais, artistas etc. não possuíam os capitais necessários nem a legitimidade para intervirem no campo político dos EUA. No Brasil, os chamados “moderados” desviam o olhar para a estrutura do regime

² CARPEAUX, Otto M. Os moderados. *Folha da Semana*, Rio de Janeiro, p. 11, 25 de novembro a 1º de dezembro de 1965.

político dos EUA. O problema, segundo o autor, era que esses intelectuais moderados pudessem induzir as pessoas em erros de interpretação. As manifestações de moderação eram disfarçadas de serenidade para “encobrir um medo abjeto”.

Partindo desse artigo temos duas importantes questões levantadas por Carpeaux. Uma se refere à possibilidade de se pensar sobre a interação entre os campos cultural e político nos EUA, e no Brasil, por conseguinte; a outra aborda a capacidade que um intelectual público tinha de mobilização e de orientação de pensamento nos leitores.

O otimismo de Carpeaux com a força que os intelectuais poderiam ter para mobilizar os demais setores sociais em uma ampla frente de resistência é ainda resultado de fragmentos da sua visão de mundo barroca e conservadora, oriunda de sua formação europeia. O intelectual, nessa ótica de Carpeaux, é uma figura capaz de transitar entre classes e campos distintos, pois representa uma “consciência” superior.

A princípio, na política, o intelectual assume importância para equilibrar a balança das tomadas de decisões, pois estas não ficariam restritas a “homens práticos”, militares, pseudointelectuais e literatos. O importante é que suas mentalidades tenham influência na orientação da nação. Ainda de acordo com o ensaísta, nos EUA, o único que reconheceu essa relevância dos intelectuais foi John Kennedy, que levou os *Harvard men* para a Casa Branca. O anti-intelectualismo é perigoso para governos, conclui Carpeaux (1964, p. 4).

Se olharmos para esse problema pela via do diálogo travado entre Carpeaux e outros intelectuais, notaremos algumas diferenças a respeito da capacidade de o intelectual público ser o principal mobilizador das massas populares. Tomemos o exemplo de Antonio Callado. No artigo “O país das Amélias” (1965, p. 11) Callado desfere crítica à postura dos intelectuais diante do endurecimento do regime ditatorial expresso pela publicação do Ato Institucional nº 2 (AI-2). O texto tinha como temática de fundo a reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA) a ser realizada no Rio de Janeiro. Callado aponta para as limitações democráticas impostas pelo AI-2, bem como a urgente necessidade de os intelectuais se fazerem ouvir na reunião da OEA. Há, no artigo, uma crítica à postura narcisista dos intelectuais, que não reagem, que não atuam mais incisivamente fora do jornal ou dos manifestos: “Nosso mal é a ação isolada e narcisista, cada um dizendo o que pensa em artiguinhos como este.” (CALLADO, 1965, p. 11).

Para Callado, os intelectuais deveriam atuar para além dos seus espaços específicos e já consagrados, precisavam extrapolar os limites do próprio campo intelectual. O posicionamento de Callado nos faz pressupor que o campo intelectual, portanto, não estava

ainda redefinido e reestruturado em 1965, pois seus agentes precisavam reencontrar os seus interlocutores no Brasil e fora dele.

Carlos Heitor Cony, com um posicionamento semelhante ao de Callado, também nos oferece pistas para compreender como que uma nova representação do que era o intelectual estava ainda sendo gestada pouco tempo após o Golpe. Cony se refere aos intelectuais como a “consciência da sociedade” e que diante do recrudescimento da ditadura militar, se “os intelectuais brasileiros não moverem um dedo, estarão simplesmente abdicando de sua responsabilidade, estarão traindo o seu papel social...” (CONY, 2014, p. 95) Na leitura de Cony existe uma ideia que iria permear uma grande parcela daqueles intelectuais envolvidos com a imprensa, que se referia ao intelectual como sendo alguém que denuncia problemas. Essa representação passava pela ideia de intelectual público e da importância da imprensa e dos jornalistas no processo de conscientização da sociedade e de reestruturadores do campo intelectual. Mais de um ano antes da publicação do artigo de Antonio Callado na *Folha da Semana*, Cony já preconizava uma situação que se manteria no campo intelectual, posteriormente reiterada por Callado, a de imobilismo dos intelectuais, que não tinham um projeto definido de enfrentamento ao Golpe e à ditadura. Escreve Cony: “Os intelectuais brasileiros precisam, urgente e inadiavelmente, mostrar um pouco mais de coragem e de vergonha. Se os intelectuais não se dispuserem a lutar agora – talvez muito em breve não tenham mais o que defender.” (1964, p. 1) Ou seja, suas instâncias de consagração estavam em risco, sobretudo a imprensa livre, que enfrentava intervenções externas e censura desde 1964.

Havia ainda no artigo de Callado uma convocação dos intelectuais à luta direta e, de alguma forma, o desdobramento disso a médio prazo pode ter sido a manifestação no episódio que ficou conhecido como “os oito do Glória”, no dia 17 de novembro de 1967, no qual o próprio Callado acabou preso junto de seus companheiros. Os artigos de jornais são pontos singulares que nos oferecem um panorama para o mapeamento do campo intelectual pós-1964. E, o episódio ocorrido em frente ao Hotel Glória, em 1967, é simbólico da nova representação do intelectual.

O episódio é a gênese de uma determinada representação dos intelectuais de oposição à ditadura, a do intelectual denunciante. Politicamente não foi um fato de grande impacto contra as estruturas do regime ditatorial, no entanto foi monumentalizado e repercutido na imprensa e pelo próprio governo militar, ao reprimir os manifestantes. Além disso, obviamente, envolvia grandes nomes da cultura brasileira. Segundo o jornal descreve, ao chegar, o

[...] marechal Castelo Branco viveu uma experiência inesperada à porta do Hotel Glória, pois ao descer do carro rodeado de batedores e policiais fora recebido por um grupo de intelectuais que de faixas em punho gritavam “viva a democracia, abaixo a ditadura”. Esses intelectuais eram o embaixador Jayme Azevedo Rodrigues, o jornalista Antonio Callado, o escritor Carlos Heitor Cony, o poeta Thiago de Mello e o teatrólogo Flávio Rangel (FOLHA DA SEMANA, 1965, p. 8).

A repercussão motivou Carpeaux a abordar o assunto em sua coluna na *Folha da Semana* e duas semanas depois ele escreveu um artigo mais pontual sobre a questão dos intelectuais. Carpeaux centraliza os intelectuais – os que se dedicam ao serviço e transmissão da cultura – como o grupo mais visado pela repressão. São os únicos que reagem às consequências do Golpe, segundo sua análise. Sua interpretação era distinta daquelas manifestadas por Cony e Callado. O embate cultural, pela via da imprensa e com o recurso da denúncia, era por si só uma reação importante dos intelectuais. Ele reconhece que não são os intelectuais os únicos representantes da oposição no Brasil, pois havia uma camada da classe média, que entendeu a natureza do Golpe e o seu falso pretexto anticomunista. No entanto, a máquina estatal de opressão se dirigia aos intelectuais: “Somos perseguidos porque, embora desarmados, somos precursores.” (CARPEAUX, 1965b, p. 8). Carpeaux considerava que os intelectuais sempre seriam o “fiel da balança” entre a política e a sociedade, pois nenhum regime político consegue se manter abrindo mão da participação deles. Os governantes sabem, e os que não sabem, acabam descobrindo a importância e influência dos intelectuais: “E os mais fortes governos não se sentem inteiramente seguros, enquanto a inteligência continua na oposição ou mantendo-se reservada.” (CARPEAUX, 1965c, p. 40).

Os textos em que Carpeaux se dedica a explorar um pouco mais a figura do intelectual, além daqueles em que aparecem interpretações sobre a sociedade e o povo brasileiros, sugerem que o ensaísta enxergava no intelectual alguém que tivesse a missão de informar às massas sobre a realidade do país. Esse intelectual ao qual Carpeaux se referia nos indica que se tratava da representação do intelectual público, ou seja, aquele que teria a possibilidade de se comunicar com o povo. Um intelectual que poderia estar nos jornais e revistas, bem como na composição do governo.

Na edição nº 26 da *Folha da Semana*, Carpeaux escreve sobre o desconhecimento da elite e da classe política a respeito da atuação intelectual e militante de Bertrand Russell, e que o conhecem apenas por uma única obra. No desfecho do artigo o autor aponta para a contradição no convite do Itamaraty ao convidar Bertrand Russell para uma palestra (CARPEAUX, 1966, p. 6). O teor do texto era de crítica à mentalidade da classe média e classe dirigente do Brasil.

Este artigo pode ser lido em conjunto com o texto de Paulo Francis, publicado na mesma edição e página. Francis retomava a questão de como compor uma oposição forte. Ele sinalizava, então, para o que chamou de “opinião pública”, que naquele contexto podia ser lido como “classe média”. O tema que envolvia “classe média” havia sido levantado anteriormente por Carpeaux na edição de nº 14 – *A questão dos intelectuais* – ao afirmar que esta classe já estava consciente do pretexto que levava ao Golpe. Apesar da consonância entre os autores ao reconhecerem a importância política da classe média, Francis trazia o questionamento sobre quem poderia organizar e dirigir as massas populares contra o governo. Em outras palavras isso implicava saber quem iria orientar intelectualmente a classe média. Francis, ao contrário de Carpeaux, não parecia convencido da relevância ou até mesmo capacidade de serem os intelectuais os responsáveis por organizar as massas.

Esses intelectuais brasileiros, que se dirigiam a um público específico – classe média composta também pelos estudantes – faziam uma representação de si mesmos com base numa noção francesa da época sobre o que significava ser intelectual. Ser intelectual, portanto, era uma noção orientada por uma finalidade política, ou seja, era menos uma questão de profissão – como um produtor de cultura circunscrito a uma área de especialização – e mais um entendimento de que era necessário um engajamento para interferir no campo político. Tratava-se do modelo de intelectual público absorvido por Cony, Callado e Francis, cuja gênese pode ser encontrada na descrição que Miceli (2001) faz sobre a estruturação do campo intelectual brasileiro apoiada no binômio “burocracia-letras”, nos anos 1920. Portanto, uma noção de intelectualidade no Brasil se constrói a partir de um princípio de associação com as classes dirigentes, a política e o Estado³.

TRADIÇÃO, PASSADO E RESISTÊNCIA NA BASE DAS REPRESENTAÇÕES INTELLECTUAIS DE CARPEAUX

³ Poucos trabalhos problematizam o intelectual público no Brasil. O livro de Miceli citado não chega a ser uma problematização do intelectual público, mas uma reflexão da relação entre os intelectuais e o Estado. E o intelectual público, por estar marcado pela contestação do poder estabelecido, procura encontrar formas de intervenção política para além do Estado. Sobre a problematização e a especificidade do intelectual público, ver: DI CARLO, Josnei. Vicissitudes do intelectual público: um estudo de caso sobre Mário Pedrosa (1944-1968). *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, Vol. 55, N. 2, p. 265-275, mai/ago 2019. Di Carlo pensa a relação entre um saber especializado e a intervenção no debate público através da imprensa tratando de temas que não dizem respeito à especialização do intelectual: E outro artigo que procura pensar o intelectual público com outra chave, através da relação do intelectual com os movimentos populares: PERRUSO, Marco A. Articulações entre intelectuais e movimentos populares nos anos 1970/1980. *Revista Pós Ciências Sociais*, v.8, n.16, jul./dez. 2011. Como se vê, essa mudança de chave de leitura está ligada diretamente ao contexto histórico: nos anos 1960, o intelectual público se definia pela relação com a imprensa, formando a opinião pública, na passagem dos anos 1970 para 1980, esse intelectual se define pela relação direta com os movimentos populares.

No caso de Carpeaux essa representação do intelectual é, além do mais, marcada pelas categorias: *tradição, passado e resistência*, cujas concepções se deram num contexto europeu. No pós-Golpe de 1964 Carpeaux precisou articular uma resistência à ditadura, tal como nos anos 1930, quando ele se colocou como linha de frente em defesa da autonomia austríaca diante do avanço das políticas pangermanistas do nazismo. A diferença fundamental é que naquele momento Carpeaux não precisava rever sua concepção barroca, católica e conservadora, que estava em sintonia com os demais intelectuais e políticos apoiadores de uma tradição cultural latina – católico-romana – e habsburga.

No Brasil, ele teria que se “ajustar” aos condicionantes do campo intelectual local, sendo, por um lado, apresentado como uma “figura de extraordinário relevo intelectual”, como diriam algumas figuras importantes da cultura brasileira da época, mas por outro, sendo alvo de críticas e desconfianças, sobretudo por setores das esquerdas.

Não obstante, levanta-se a questão: na década de 1960, o que Otto Maria Carpeaux identificava no intelectual, que o faria capaz de promover mudanças políticas ou sociais? A resposta para essa questão está nos ensaios produzidos em seu primeiro decênio no Brasil. Nesta década a representação que Carpeaux produzia sobre o intelectual se enquadrava nos termos das definições outrora propostas por Julien Benda, em *La Trahison des Clercs* (1927).

O autor francês se referiu aos intelectuais como *Clercs* – ou o clero das antigas universidades medievais –, que pertenceriam a uma classe de homens

[...] cuja atividade, por essência, não persegue fins práticos, e que, obtendo sua alegria do exercício da arte ou da ciência ou da especulação metafísica, em suma, da posse de um bem não temporal, dizem de certa maneira: “Meu reino não é deste mundo” (BENDA, 2007, p. 144).

Na ótica deste autor celebra-se o distanciamento existente ao longo de mais de dois mil anos entre os intelectuais e as multidões, ou como escreve o próprio Benda, “oposição formal ao realismo das multidões.” (BENDA, 2007, p. 144). O compromisso com a ideia de verdade, com a defesa da justiça, sempre amparado no recurso da razão são elementos fundamentais na compreensão da noção de intelectual pensada pelo filósofo.

Benda se coloca de forma crítica a uma tendência que observou estar ocorrendo desde o final do século XIX, na qual os intelectuais adotaram uma postura oposta daquela anteriormente celebrada, isso é, os intelectuais passaram a adotar as paixões políticas. Sendo assim, este intelectual “engajado” deixaria de “buscar as coisas realmente universais, o que implicaria, em outras palavras, esquivar-se da defesa de particularismos de raça, de nação ou

mesmo de classe.” (BOTO, 2008-2009, p. 162). Através dessa mudança de postura dos intelectuais é que se constituiu o intelectual moderno, na visão de Benda.

O “lugar público” ou “praça pública”, como denomina o próprio Benda, que em outros tempos seria um ambiente ao qual o intelectual recorreria no intuito de defender a justiça e a verdade, afinal neste espaço é que lhe foi auferido prestígio e reconhecimento; agora, no novo momento descrito pelo filósofo francês, a “praça pública” tornara-se o local, onde os intelectuais passaram a mobilizar suas paixões políticas e a expressá-las nas defesas de classes, raças ou nações. Logo, impossibilita que o cidadão comum se valha de seus próprios argumentos.

O intelectual moderno deixou completamente de permitir que o leigo desça sozinho à praça pública; ele entende possuir uma alma de cidadão e quer exercê-la com vigor; orgulha-se dessa alma⁴; sua literatura está cheia de desprezo por quem se encerra na arte ou na ciência e se desinteressa pelas paixões da cidade (BENDA, 2009, p 145-146).

É a esse comportamento que Julien Benda se referiu ao intitular seu livro e, mais precisamente o capítulo terceiro, como a “traição dos intelectuais”. Ele entendeu que tal postura não era digna dessa camada da sociedade, que tem como função preservar a alta cultura – atual e de tempos pretéritos –, defender os valores universais, além de se opor àqueles intelectuais, que motivados pelas paixões políticas se entregam à esfera dos cidadãos, ou seja, a política. Seu prestígio moral, sensibilidade, força persuasiva, fortalece nos leigos as paixões políticas. “Em resumo, quando um intelectual adere a um partido, a uma nação ou particularidade, trai o reino da sabedoria tal qual um padre que abandonasse Cristo trairia a igreja cristã.” (ALAMBERT, 2007).

No conjunto de ensaios reunidos no livro *A Cinza do Purgatório* (1942), no texto *A ideia da universidade e as ideias das classes médias*, Carpeaux explicita certa desaprovação com a qualidade cultural dos intelectuais especialistas, que compunham em grande medida as classes médias europeias e norte-americanas no século XX. Sua crítica neste ensaio era direcionada à massificação da cultura, que criava um “proletariado intelectual” incapaz de agir como uma elite universalista que pudesse justamente orientar as massas, como propunha Benda.

A referência de Carpeaux neste ensaio era Ortega y Gasset, que enxergava com reservas o que denominou de *rebelión de las massas*. O século XX revelou o “espetáculo de

⁴ Julien Benda destaca as diferenças entre Michelangelo e Da Vinci, entre as quais, quando aquele desferiu críticas a este, devido ao fato de seu não envolvimento nas questões políticas mais candentes de Florença; e, a resposta de Da Vinci ao se pronunciar dizendo que “o estudo da beleza absorve todo o seu coração” (BENDA, 2007, p. 146).

peculiar brutalidade e agressiva estupidez com que se comporta um homem que sabe muito de uma determinária [sic] área do conhecimento e ignora inteiramente todas as outras.” (ORTEGA y GASSET, 2010, p. 44). Na leitura de Carpeaux, que naquele momento seguia à risca o posicionamento de Ortega y Gasset, a elite, aqui representada pelo intelectual nos moldes de Benda, regrediu a uma condição de massa portadora de títulos acadêmicos. As universidades do século XX já não formam mais o *clerc*, “formam médicos, advogados, professores. As universidades tornaram-se lugares de investigações científicas. [...] Não há mais *clercs*, só há estudantes.” (CARPEAUX, 1999, p. 213).

Carpeaux, então, diferencia o intelectual do século XX e a “inteligência”. Esta “inteligência” era o que havia restado dos *clerc*, da elite de antigamente, e os “intelectuais” seriam aqueles que compõem toda a espécie de especialista. A aproximação com as ideias de Julien Benda são sintetizadas no fim do ensaio, quando compara as atividades intelectuais dos estudantes universitários do seu século com as atividades “espirituais” do *clerc* medieval:

Voltemos aos estudantes: o seu utilitarismo, mais perigoso do que o das ciências, perdurará enquanto a frequência das universidades for a chave para as posições de mando da sociedade. Verdadeiramente, o oposto deste utilitarismo é o desinteresse, no qual Newman via o espírito e a ideia de universidade, o espírito do clero universitário medieval, que se sentia independente do mundo e somente responsável perante Deus. Sem tais padres o altar fica vazio e o culto abandonado (CARPEAUX, 1999, p. 218).

Ainda no intuito de responder à pergunta anterior sobre o que faria o intelectual capaz de promover mudanças, na visão de Carpeaux, deixamos em evidência que o autor detinha uma concepção ortodoxa sobre o que representaria o intelectual idealmente. Entende-se, assim, que as massas não conseguem se autodeterminar, pois desprezam o conhecimento tido como “universal” em função de um conhecimento compartimentado, especializado, que as aprisionam a uma condição de proletarização. Trata-se de uma mudança drástica na função da universidade que coincide com o fim da “inteligência” representada na figura tradicional do *clerc*.

É possível interpretarmos esse posicionamento de Carpeaux na chave do barroco. Os elementos de catolicismo estão presentes a partir da representação da universidade medieval e o *clerc*, responsável pela cultura e conhecimento universais. Nessa formulação também se insere a erudição, elemento tipicamente barroco. Logo, identifica-se uma *representação* de sujeitos e classes sociais em dois tempos históricos, o atual caracterizado por uma crise, e o pretérito simbolizado pela glória do universalismo católico. O século XX não comportava mais um intelectual do tipo *clerc*, e estaria esse século fadado a ser dirigido por intelectuais

especialistas, pela cultura massificada. Dentre os especialistas havia uma divisão entre aqueles que estavam nas universidades e os que estavam fora delas, atuando em jornais, revistas e outros meios de comunicação. São estes os responsáveis por guiar a consciência das massas, pois são intelectuais públicos.

A “inteligência” ou aquele antigo sujeito culto das universidades medievais é substituída pelo “intelectual” – o especialista – que fora de sua área é comparável a um bárbaro. Orientado por essa premissa e sem discordar da interpretação de Ortega y Gasset sobre as consequências nefastas da massificação da cultura, Carpeaux retomou o assunto no ano de 1959 e lançou a seguinte pergunta: “Mas esses especialistas – são eles, porventura, produtos e líderes das massas democráticas?” (CARPEAUX, 2005, p. 472). Ele próprio não deixaria a resposta explícita no texto, mas ao “repensar o pensamento sociológico do grande escritor espanhol” (CARPEAUX, 2005, p. 471) o ensaísta austro-brasileiro parecia rever os seus próprios posicionamentos políticos e culturais. Para ele, Ortega y Gasset confundiu as suas “profecias” de rebelião das massas com democracia quando no contexto de “democracia liberal” europeia no século XIX (ORTEGA y GASSET, 2010, p. 102) a ascensão política e social do proletariado e, em geral, das massas populacionais já era um fato consolidado em seu continente, inclusive na Espanha. Nesse sentido, a ressalva de Carpeaux era que: “‘Massa’ e ‘democracia’ são, decerto, fenômenos paralelos; mas não são sinônimos. A profecia de Ortega não se refere à política, mas à cultura.” (CARPEAUX, 2005, p. 471).

À pergunta lançada por Carpeaux as respostas possíveis seriam “não” e “sim”. O ensaísta demonstrava a partir da segunda metade da década de 1950 que empreendia uma revisão de seus valores culturais e políticos, além de sua própria posição no campo intelectual. Carpeaux ensaiava os primeiros passos no jornalismo de caráter político com pautas internacionais, e observava a profissionalização e institucionalização da atividade de crítico literário⁵. Este intelectual acadêmico e especialista não poderia guiar as massas.

Mas Carpeaux encontraria a necessidade de retomar o diálogo com o campo político nos anos de 1960, uma vez que não estávamos em um período democrático, mas havia massas compostas pela classe média e estudantes. Seria entre estes que Carpeaux identificaria um

⁵ Cabe aqui comentar que Carpeaux era um observador atento a essas mudanças, e talvez já soubesse que sua própria posição nesse campo seria afetada, obrigando-o a encontrar novas maneiras de reconhecimento profissional e de segurança financeira. O excerto a seguir, constante num conjunto de ensaios reunidos e publicados em 1958, demonstra essa preocupação do crítico literário: “O desaparecimento, sem dúvida só temporário, da crítica literária dos jornais brasileiros já tem fornecido oportunidades para queixas amargas da parte de poetas e ficcionistas que não encontram a valorização esperada de suas obras; mas notou-se menos o grande mal de que a falta de uma tábua de valores rigorosamente mantida contribui para isolar a literatura brasileira no quadro da literatura universal contemporânea. Outros esperam e desejam agora o advento de uma crítica nova, em moldes diferentes.” (CARPEAUX, 1999, p. 664-665).

vetor de democratização das massas, pois seriam os estudantes os líderes da nação no futuro. Por isso, quando Carpeaux escreve na imprensa alternativa, ele o faz compreendendo que democracia implica inserção das massas nas resistências.

As referências literárias e teóricas de Carpeaux mostravam uma preocupação maior de definição do intelectual, que pudesse dialogar com as massas rurais e urbanas brasileiras, e que também conseguissem preservar a imprensa como um espaço de debates para os intelectuais de tradição humanista e não apenas especialistas. Na passagem para os anos 1960 Carpeaux se definia mais como um jornalista político, rememorando os anos 1930, quando também exerceu essa atividade, e trazia para o seu escopo teórico as temáticas latino-americanas e brasileiras, sobretudo. Processo este que já estaria consolidado quando ocorre o Golpe civil-militar em abril de 1964.

O modelo de intelectual representado por Carpeaux, a partir dessa inflexão seria o resultado de sua tradição barroca e de sua aproximação com temas políticos e sociais nacionais. Exemplo disso é quando ele encontra em Antonio Gramsci e no poeta Pier Paolo Pasolini a síntese de uma representação intelectual, num texto de 1960. O elemento humanístico deveria ser condição *sine qua non* da atividade intelectual, por isso, Gramsci se assemelha à figura clássica do *clerc*, contudo retraduzido não mais numa leitura estritamente à Ortega Y Gasset, embora não o abdicando, ou Bendiana. O intelectual pode e deve ter uma aproximação com o povo a fim de incluí-lo nos processos políticos de transformação social.

A importância de Gramsci, nesse sentido, como figura humana, é universal. Os problemas com que se ocupa nos seus escritos parecem especificamente italianos. Mas só parecem. Também têm importância universal; as ideias do autor impressionariam inclusive os leitores brasileiros. [...] Também é Gramsci um crítico arguto da cultura nacional. Denuncia a mentalidade antipopular dos intelectuais italianos, que são oradores, literatos, juristas. Exige um novo tipo de intelectual. Mas não quer o mero intelectual especializado à maneira americana (ou russa). O técnico, de qualquer especialidade que seja, não pode ser um verdadeiro líder e dirigente sem uma boa dose de humanismo, de formação e cultura histórica. Precisamos, na América Latina, ouvir essa lição. [...] “Novo” intelectual, naquele sentido, é o poeta gramsciano Pasolini [...] (CARPEAUX, 2005b, p. 550).

Seria nesta época, portanto, que Carpeaux sinalizaria a remodelagem daquela que se tornaria a representação de intelectual por ele defendida nos anos após o Golpe de 1964.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização da resistência passaria, dessa forma, pelos estudantes, setor dos mais mobilizados desde 1º de abril e dos mais atingidos pelas consequências do Golpe e da ditadura. Os debates propostos pelos intelectuais Otto Maria Carpeaux, Carlos Heitor Cony, Paulo Francis e Leandro Konder, no *Correio da Manhã*, *Folha da Semana* e *Revista Civilização Brasileira* demonstram a convergência das representações que eram feitas na imprensa a respeito dos estudantes.

Se entre Carpeaux e Francis havia a imprecisão sobre o papel dos intelectuais na formação de uma resistência, na questão dos estudantes existia justamente o oposto. Ambos reconheciam o movimento estudantil como um setor de confluência dos valores da classe média e da disposição juvenil.

São aspectos *ético-cultural* e *político-moral*, que devem ser analisados nessa questão. O primeiro é observar que as representações sobre os estudantes e juventude criadas por esses intelectuais, naquele momento, moldaram a construção de um arquétipo típico-ideal de sua imagem, e isso teria impacto posteriormente na autorrepresentação que os estudantes e a União Nacional dos Estudantes (UNE) fariam sobre si mesmos. O segundo aspecto se refere aos conflitos criados entre a ditadura e esses dois setores abordados até aqui: intelectuais e estudantes. Notaremos que o próprio governo destacou os intelectuais como um setor que apresentava algum risco, e a expressão dessa desconfiança foi o Ato Institucional nº 2 (AI-2), que atacou diretamente as atividades intelectuais e ambições políticas desse setor (CASTRO, 2017). No caso dos estudantes, o governo também elaborou uma intervenção de caráter jurídico para frear sua capacidade organizativa. Neste caso, trata-se da Lei Suplicy de Lacerda, cujas principais medidas visavam o desmonte da UNE e a transferência do controle das instâncias de representação do movimento estudantil para as universidades, que teriam reitores indicados pelo Ministro da Educação, Suplicy de Lacerda (CASTRO, 2017). Portanto, notam-se dois mecanismos jurídico-burocráticos do Estado para minar a organização e autonomia tanto dos intelectuais quanto dos estudantes.

A aproximação de Carpeaux com os núcleos culturais de esquerda, intelectuais comunistas, estudantes opositores e setores da luta armada, coloca o problema da posição social assumida pelo ensaísta após vivenciar as consequências do Golpe de 1964. Diferentemente dos demais – e escassos – trabalhos sobre Carpeaux desenvolvidos no âmbito acadêmico e sociológico, nos quais o enfoque se deu sobre os anos 1940 e 1950, e cujas teses se concentram em reafirmar uma continuidade do pensamento católico-conservador da fase austríaca na sua fase brasileira (Cf. VENTURA, 2000, p. 51) ou, no limite, um reprocessamento dos temas (cf. CÂMARA, 2004, p. 10), e como isso teve impacto na

produção de sua crítica literária no Brasil; neste artigo abordaram-se as rupturas e posicionamentos políticos e ideológicos de Carpeaux no curso dos anos 1960. A partir de sua coluna de política internacional na *Folha da Semana*, foi possível compreender alguns elementos de posição social após 1964 e a importância do seu pensamento para as resistências culturais no interior do campo intelectual que se reorganizava no pós-1964.

Referências bibliográficas

- ALAMBERT, Francisco. No Corredor Polonês. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 de abril de 2007. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2204200713.htm>>. Acesso em: 02/09/2019.
- BENDA, Julien. *A Traição dos Intelectuais*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.
- BOTO, Carlota. Traição dos Intelectuais. *Revista USP*, São Paulo, n. 80, p. 161-171, dez/fev 2008-2009.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 261.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004
- CALLADO, Antonio. O país das Amélias. **Folha da Semana**, Rio de Janeiro, p. 11, 18 a 24 de novembro de 1965.
- CÂMARA, V.B. *Otto Maria Carpeaux: exílio, adaptação e modelagem do self no Novo Mundo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2004.
- CARPEAUX, Otto M. O Governo e os Intelectuais. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 4, 13 de dezembro de 1964.
- CARPEAUX, Otto M. Os moderados. **Folha da Semana**, Rio de Janeiro, p. 11, 25 de novembro a 1º de dezembro de 1965.
- CARPEAUX, Otto M. A questão dos intelectuais. **Folha da Semana**, Rio de Janeiro, p. 8, 02 a 08 de novembro de 1965b.
- CARPEAUX, Otto M. O Governo e os Intelectuais. In. **A Batalha da América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965c.
- CARPEAUX, Otto M. O convidado de pedra. **Folha da Semana**, Rio de Janeiro, p. 6, 03 a 09 de março de 1966.
- CARPEAUX, Otto Maria. A ideia da universidade e as ideias das classes médias. *Ensaios Reunidos*, Vol. I (1942-1978). Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

CARPEAUX, Otto M.. A rebelião de outras massas. In: *Ensaaios Reunidos*, Vol. II, Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

CARPEAUX, Otto. A lição de Gramsci, In: *Ensaaios Reunidos*, Vol. II, Rio de Janeiro: Topbooks, 2005b.

CASTRO, Thiago B. Repressão aos intelectuais e estudantes: aproximações entre Ato Institucional nº 2 e Lei Suplicy de Lacerda (1965-1968). *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 193-213, jul./dez. 2017.

CONY, Carlos Heitor. A hora dos intelectuais. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: p. 1, 2º caderno, 23 de maio de 1964.

Folha da Semana, Rio de Janeiro, p. 8, 25 de novembro a 1º de dezembro de 1965.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

ORTEGA y GASSET. A universidade e ensino da cultura. In. *Ortega y Gasset/Juan Escámez Sánchez*; Tradução: José Gabriel Perissé, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

VENTURA, Mauro de Souza. *Mentalidade barroca e interpretação – A crítica literária de Otto Maria Carpeaux*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

Resumo: Este artigo esclarece como Carpeaux articulou o seu capital cultural e social a fim de garantir espaço entre as resistências culturais após 1964. Para isso, Carpeaux precisou compreender e compartilhar opiniões e conceitos como: intelectual, democracia, resistência, golpe, ditadura, revolução entre outros, no âmbito da imprensa alternativa de esquerda e no contexto de reconstrução do campo intelectual pós-golpe.

Palavras-chave: Otto Maria Carpeaux, Resistência cultural, Intelectuais.

Abstract: This article clarifies how Carpeaux articulated his cultural and social capital in order to guarantee space among cultural resistances after 1964. For that reason, Carpeaux needed to understand and share opinions and concepts such as: intellectual, democracy, resistance, coup, dictatorship, revolution, among others, within the realm of the alternative leftist press and in the context of reconstruction of the post-coup intellectual field.

Keywords: Otto Maria Carpeaux, Cultural Resistance, Intellectuals.